

COMPANHIAS ARTÍSTICAS ITINERANTES NA CIDADE DE OURO FINO, SUL DE MINAS GERAIS, NA DÉCADA FINAL DO SÉCULO XIX

Gabriellem Oliveira Santana¹

Daniel Venâncio de Oliveira Amaral²

Resumo: Este artigo investiga a história dos espetáculos itinerantes em fins do século XIX na cidade de Ouro Fino, Sul mineiro. A fim de expandir as possibilidades interpretativas acerca do assunto, a pesquisa procurou contextualizar as turnês artísticas frente ao universo mais amplo de diversões, promovendo diálogos com um rol de festas públicas e particulares locais, além de iniciativas lúdicas promovidas pelas instâncias empresariais. O *corpus* documental foi constituído, sobretudo, por um conjunto de 214 exemplares do jornal *Gazeta de Ouro Fino*, produzidos na cidade homônima entre 1892 e 1896 e disponíveis para consulta no *site* da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Palavras-chave: História; Lazer; Cultura; Espetáculos artísticos; Ouro Fino.

ITINERANT ARTISTIC COMPANIES IN THE CITY OF OURO FINO, SOUTHERN MINAS GERAIS, IN THE LAST DECADE OF THE 19TH CENTURY

Abstract: This article investigates the history of traveling shows at the end of the 19th century in the city of Ouro Fino, in the south of Minas Gerais. In order to expand the interpretative possibilities on the subject, the research sought to contextualize the artistic tours within the broader universe of entertainment, promoting dialogues with a list of local public and private festivals, in addition to recreational initiatives promoted by enterprise entities. The documentary corpus was mainly constituted of a set of 214 copies of the newspaper *Gazeta de Ouro Fino*, produced in the city of Ouro Fino between 1892 and 1896 and available for consultation on the website of the National Library's Digital Library.

Keywords: History; Leisure; Culture; Artistic shows; Ouro Fino.

¹ Licenciada em Educação Física pela Universidade Estadual de Montes Claros, campus Januária. Contato: gabriellem.oliveira05@gmail.com

² Doutor em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor do Curso de Educação Física da Universidade Estadual de Montes Claros, campus Januária. Contato: dvoamaral@gmail.com

Ao longo do século XIX, o território de Minas Gerais foi alvo da visita de companhias artísticas advindas de diferentes pontos do território nacional e de outros países. Esses grupos, que comercializavam espetáculos de cinematógrafo, circo, cosmorama, fantoche, música, prestidigitação, teatro ou ainda tourada permaneciam nas localidades escolhidas para compor rotas comerciais por períodos variados. Assim, em certos casos, poderia oscilar de poucos dias, até alguns meses. Nas palavras de Amaral e Dias (2017, p. 249), “o gênero do espetáculo, o tamanho das companhias e a receptividade do público eram alguns dos principais fatores que pareciam determinar a extensão da estadia de tais companhias”. Ainda segundo esses autores, mesmo cidades pequenas, afastadas dos grandes centros, sem prédios de teatro ou praças apropriadas tinham a oportunidade, em algum momento, de serem visitadas por companhias ambulantes.

De acordo com Regina Duarte (2018), que pesquisou acerca desse assunto, a chegada desses artistas modificava substancialmente as sociabilidades lúdicas dos moradores mineiros, cujo olhar atento dos habitantes não perdia nenhum detalhe do desembarque do grupo, da montagem da estrutura arquitetônica e da divulgação dos espetáculos. Suas permanências transfiguravam o cotidiano local, uma vez que, traziam, nas bagagens, novas modas, linguagens, inovações e emoções. Ao assistir à apresentação, “as pessoas se sentiriam parte de um mundo especial, partilhando a experiência antes supostamente vivida por reis e rainhas de toda a Europa, esse mundo distante, idealizado como o *locus* da civilização” (Duarte, 2018, p. 108).

Nos últimos anos, a historiografia mineira produziu uma apreciável fortuna crítica de estudos, que tratam, com maiores e menores variações e com maior ou menor profundidade, da presença desses grupos artísticos em cidades situadas no interior.³ Neste cenário, o Sul de Minas Gerais configura-se, talvez, como a região com menor número de incursões acadêmicas que desvelam, com alguns detalhes, os espetáculos oferecidos por companhias

³ Cf., por exemplo, Nakayama, 2016; Oliveira, 2016; Silva, 2018; Xavier; Amaral; Dias, 2019.

ambulantes. Apenas recentemente, o pesquisador Nogueira Júnior, no estudo “Uma história dos divertimentos do Sul mineiro: Itajubá, Pouso Alegre e Campanha entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, 1891-1930” (2021), realizou um mapeamento descritivo, por meio de jornais impressos, dos principais repertórios de lazer fruídos pelas populações das três cidades e no período citado no título da obra, o que incluiu artistas e grupos ambulantes de entretenimento.

Vis-à-vis, ainda que esse trabalho inaugural venha a denotar uma incursão de grande valor ao conhecimento acerca do tema, trata-se de volume reduzido de localidades investigadas, não abrangendo, portanto, as especificidades de diversos outros municípios da região, cuja somatória de novas análises contribuiriam para haver uma compreensão mais panorâmica das turnês artísticas, que foram promovidas na porção Sul mineira na virada do século passado. É nessa direção que a presente pesquisa tem a intenção mais geral de ampliar esse universo de referências. Por isso, buscou investigar a dinâmica histórica dos espetáculos itinerantes na cidade de Ouro Fino, na década final do século XIX. A fim de expandir as possibilidades interpretativas acerca do assunto, a pesquisa procurou contextualizar as turnês artísticas frente ao universo mais amplo de diversões, promovendo diálogos com um rol de festas públicas e particulares locais, além de iniciativas lúdicas promovidas por instâncias empresariais.

O *corpus* documental que subsidiou a pesquisa foi constituído de um conjunto de 214 exemplares do jornal *Gazeta de Ouro Fino*, produzidos na cidade homônima e disponíveis para consulta no *site* da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.⁴ Com periodicidade semanal e circulando sempre aos domingos, essas fontes estão divididas, com quase todos os exemplares disponíveis semanalmente, nos anos de 1892 (48 exemplares), 1893 (49 exemplares), 1894 (45 exemplares), 1895 (32 exemplares) e 1896 (40 exemplares). Esse material, dado o volume e a regularidade sequencial de exemplares veiculados, constitui-se como principal e mais abundante fonte

⁴ Link para acesso: [Coleção Digital de Jornais e Revistas da Biblioteca Nacional \(bn.br\)](https://www.bn.br/colecao-digital-de-jornais-e-revistas)

de informação disponível da vida cotidiana da cidade de Ouro Fino na década final do século XIX.

Segundo Dias e Cotes (2022), as elites letradas que escreviam nos jornais das cidades do interior do Brasil, no período em análise, carregavam ambições simbólicas de civilidade e sofisticação comportamental, jogando luz sobre realizações que deveriam ser condenadas por representarem costumes atrasados, bem como realizações entendidas como marco da modernidade, a exemplo de cafés, coretos, clubes esportivos e sociais, jardins públicos, prédios de teatro ou ainda rinqe de patinação. Nesse ensejo, companhias ambulantes faziam parte deste rol de expectativas imaginárias de progresso dos hábitos citadinos, recebendo, quase invariavelmente, um espaço de destaque nas páginas jornalísticas.

Na tentativa de ampliar o escopo documental da pesquisa, consultamos, também, censos estatísticos do governo estadual disponíveis no catálogo digital da Biblioteca do Ministério da Fazenda,⁵ com dados populacionais e situação geopolítica da cidade de Ouro Fino, no final do século XIX. Acessoriamente, recorreremos ao uso de fotografias da sede citadina ourofinense, cotejadas no site do Arquivo Público Mineiro.⁶

“Noites excessivamente agradáveis”

No início de abril de 1892, a cidade de Ouro Fino recebeu a visita da companhia “Equestre, ginástica, mímica e acrobática” denominada Grande Circo Itália, “dirigida pelos conhecidos artistas Baptista Bug e Bahia”. Constituída de um corpo profissional “numeroso”, sua estreia aconteceu na noite do dia 8, domingo, mais precisamente, às 20 horas “em ponto”, tendo a companhia promovido uma temporada curta de espetáculos, o que, talvez, explique a ausência de maiores informações na imprensa (Gazeta de Ouro Fino, 8 abr. 1892, p. 3). Três meses depois, em julho, dessa vez com estadia mais longa, e por isso com mais detalhes veiculados pela folha local, outra companhia “Equestre, ginástica, mímica e acrobática” visitou a sede citadina

⁵ Link para acesso: [Memória Estatística do Brasil \(memoria.org.br\)](http://memoria.org.br)

⁶ Link para acesso: [APM \(cultura.mg.gov.br\)](http://apm.cultura.mg.gov.br)

ourofinense, qual seja, o Circo Fluminense, “dirigido pelo emérito artista Jorge de Carvalho” (Gazeta de Ouro Fino, 3 jul. 1892, p. 3). A companhia permaneceu na cidade por 15 dias e ofereceu nesse período pelo menos quatro espetáculos em noites de sábado e domingo, que contaram, segundo narrou um cronista anônimo, com “grande aglomeração de povo de todas as classes sociais” (Gazeta de Ouro Fino, 17 jul. 1892, p. 2; 24 jul. 1892, p. 1).

Após a partida do Circo Fluminense, a população ourofinense teria que esperar quase três anos para receber a visita de uma nova companhia de variedades. Esse estado de ausência foi modificado no início de dezembro de 1895, quando, no distrito de Monte Sião, vinculado ao município de Ouro Fino⁷, o “conhecido acrobata Canuto de Paula Viana” fundou o Circo Mineiro, uma “Troupe equestre e ginástica” constituída de “bons artistas” (Gazeta de Ouro Fino, 8 dez. 1895, p. 1). Sua primeira excursão fora dos limites do distrito aconteceu na cidade de Ouro Fino, cujo circo desembarcou no dia 22 dezembro. Consequentemente, ofereceu até o fim daquele mês, nos fins de semana, quatro espetáculos com “enorme concorrência de público”, de modo a proporcionar, conforme registros de imprensa, “algumas horas de prazer aos habitantes desta cidade” (Gazeta de Ouro Fino, 22 dez. 1895, p. 1; 29 dez. 1895, p. 1).

Na virada para o ano de 1896, o Circo Mineiro permanecia em Ouro Fino e prometia um espetáculo de despedida na noite do dia 9 (Gazeta de Ouro Fino, 5 jan. 1896, p. 2). Aparentemente, em razão das reclamações do público da falta de novidades no espetáculo que antecedeu a anunciada apresentação final, entendida na imprensa como “idêntica à das noites anteriores”, a companhia do Sr. Canuto resolveu abreviar sua turnê, “desarmando o barracão” e partindo para o distrito Borda da Mata, vinculado ao vizinho município de Pouso Alegre (Gazeta de Ouro Fino, 12 jan. 1896, p. 2). A estratégia dos circenses era unir-se a uma companhia do gênero que estava de passagem pelo distrito supracitado para retornar a Ouro Fino com corpo artístico ampliado, o que possibilitaria oferecer atrações

⁷ No final do século XIX, a organização política do município de Ouro Fino era formada pela cidade homônima, sede administrativa, e pelos distritos de Campo Místico, Jacutinga e Monte Sião (Minas Gerais, v. II, 1926, p. 40).

inéditas ao público local. Assim, otimizavam as possibilidades de vendas de ingressos.

No dia 12 de janeiro, o Circo Mineiro retornou a Ouro Fino unido, para essa ocasião, ao Circo São Salvador, dirigido pela artista Manoel José de Barros. Dessa vez, a companhia mostrava-se ampliada de artistas, incorporando, também, animais, posto que a ausência de cavalos para realizar os trabalhos equestres foi lamentada pela imprensa na passagem anterior. De forma mais detalhada, o novo circo constituía-se de “19 artistas acrobatas e ginásticos, 4 cavalos, 3 cachorros amestrados e 1 cabrito, ensinado em alta escola” (Gazeta de Ouro Fino, 12 jan. 1896, p. 2). Instalado na rua Júlio Brandão, a companhia, que agora se apresentava como “Equestre, ginástica, acrobática, mímica e dançarina”, precisou adiar sua estreia, anunciada para dia 16, quarta-feira, por motivo das chuvas que dificultaram o transporte do material do circo de Borda da Mata para Ouro Fino. Uma nova data de estreia foi agendada para o dia 25, sábado, posteriormente, reagendada para o dia 2 de fevereiro, domingo, com promessa do circo de apresentar ao público local “o primeiro equilibrista do Estado de Minas Gerais” (Gazeta de Ouro Fino, 19 jan. 1896, p. 2; 2 mar. 1896, p. 3).

Nesse intervalo de tempo da partida e retorno do Circo Mineiro, incrementado com artistas do Circo São Salvador, Ouro Fino recebeu a visita do Circo Guanabara, trupe “equestre e ginástica” que chegava precedida de fama adquirida nas praças do “Rio de Janeiro, Niterói e São Paulo”. Vindo da adjacente cidade de Pouso Alegre, onde “foi muito aplaudida”, a companhia promoveu uma “brilhante estreia”, na noite do primeiro domingo de janeiro de 1896. Segundo narrou um cronista anônimo, “o povo sôfrego de um bom divertimento, apesar do tempo não muito firme, encheu as arquibancadas da vasta barraca, aplaudindo entusiástica e freneticamente” (Gazeta de Ouro Fino, 12 jan. 1896, p. 2).

Naturalmente que a afirmação do cronista, alegando que o povo ourofinense estava “sôfrego de um bom divertimento”, o que era acompanhada por outras notas queixando-se da “monotonia” e do

“interminável tédio que a gente arrasta com a própria sombra” (Gazeta de Ouro Fino, 25 ago. 1895, p. 1; 23 ago. 1896, p. 2), não confirma a ausência de entretenimentos na sede urbana e povoações rurais da cidade.⁸ Na verdade, essas reclamações pareciam ser uma frustração da elite letrada pela pouca disponibilidade de inovações lúdicas conectadas com uma outra e moderna escala de valores. Como bem apontado por Lilia Schwarcz (2012), a virada do século XIX, no Brasil, foi marcada pelo desejo quase obsessivo dos grupos abastados de civilizarem hábitos entendidos como arcaicos e atrasados, aproximando-se do padrão europeu ora em voga.

Ouro Fino oferecia um calendário relativamente efervescente de diversões ligadas ao universo rural e tradicional. Com certa frequência a imprensa local noticiava, na sede da cidade e nas povoações, a realização de casamentos, aniversários, batismos, rodas de samba ou ainda bailes, quase sempre regados de comidas, bebidas, músicas e danças.⁹ Da mesma forma, festas religiosas em homenagem aos santos católicos, a exemplo de São Benedito, São Francisco de Paula, São Sebastião, Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora da Piedade e Nossa Senhora do Rosário também ofereciam boas oportunidades de diversão com leilões, orquestras e espetáculos pirotécnicos.¹⁰

Tudo isso fazia contraste com desejos, estampados nas páginas da imprensa, por modismos urbanos europeizados. Em 1896, inaugurou-se, na sede de Ouro Fino, os primeiros cafés da cidade: o Café Java e o Café Brasil (Gazeta de Ouro Fino, 3 maio 1896, p. 2). Nesse ano, a imprensa noticiou a inauguração de três bilhares: Bilhar Cantagalo (Gazeta de Ouro Fino, 6 set.

⁸ Em 1920, quando dispomos de dados geopolíticos mais detalhados dos municípios mineiros, faziam parte da jurisdição da cidade de Ouro Fino 28 povoados rurais, apresentados na seguinte ordem: Boaventura, Boa Vista, Bonito, Campestrinho, Caneleiras, Capinzal, Cavaco, Crysoli, Farias, Fazendinha, Feijol, Francisco, Guiné, Inconfidentes, Laranjal, Lopes, Maudu, Mato Dentro, Pintado, Pinhalzinho, Pintos, Ponte Preta, Ribeirão S. Paulo, S. Isabel, S. Pedro, Taguá e Tanque (Minas Gerais, v. III, 1926, p. 637).

⁹ Cf., por exemplo, Gazeta de Ouro Fino, 23 jul. 1893, p. 1; 8 abr. 1894, p. 1; 30 jun. 1895, p. 2; 2 ago. 1896, p. 2.

¹⁰ Cf., por exemplo, Gazeta de Ouro Fino, 22 jan. 1893, p. 1; 21 out. 1894, p. 1; 31 mar. 1895, p. 2.

1896, p. 4), Bilhar Progresso (Gazeta de Ouro Fino, 5 jan. 1896, p. 2) e Bilhar Três Bolas (Gazeta de Ouro Fino, 3 maio 1896, p. 2).

Os novos estabelecimentos, com a oferta de, entre outras coisas, café, chocolate, “excelentes bebidas” e artigos para fumantes, tratavam, segundo foi noticiado, de iniciativas de pessoas “progressistas” e de “bom gosto”, que pretendiam oportunizar “algumas horas de diversão” para a “sociedade de bom gosto” (Gazeta de Ouro Fino, 6 set. 1896, p. 4). Uma parte deste comércio inovador foi processado no momento das turnês dos circos Guanabara e Salvador. É neste cenário de preenchimento de algumas das expectativas de cronistas “sôfregos” com a falta de divertimentos entendidos como inovadores e mais sofisticados, que a imprensa passou a veicular notas elogiosas da nova e momentânea realidade, processos que ajudam a explicar, em alguma medida, a negligência desses mesmos cronistas com as práticas de lazer mais tradicionais. Conforme uma dessas notas: “Quanta coisa boa! Bilhares, duas companhias de cavalinhos. Deus queira que isto dure, que não seja fogo de palha” (Gazeta de Ouro Fino, 19 jan. 1896, p. 2).

O Circo Guanabara permaneceu em turnê por Ouro Fino durante quase dois meses, exibindo, nesse intervalo de tempo, uma série de atrações, a exemplo de “atirador”, “barra-tríplice”, “cabrito adestrado”, “deslocação”, “duplo-trapézio”, “equilíbrio japonês”, “escada em balanço”, “hipnotismo”, “palhaço”, “pantomina” e “volteio equestre”. Já o Circo São Salvador marcou presença por quase um mês, sendo as principais atrações noticiadas na imprensa: “anéis aéreos”, “cavalo” e “pônei” amestrados, “deslocamento”, “fricassé”, “palhaço”, “pantomima” e “trabalhos com bambu”.¹¹ Os espetáculos das duas trupes ocorreram sempre nos domingos, com exceções de dias com os programas suspensos por motivo de fortes chuvas (cf. Gazeta de Ouro Fino, 16 fev. 1896, p. 2).

Com duas trupes atuando nos mesmos dias e horários, havia uma necessidade de dividir um público relativamente pequeno. Neste período, a população de Ouro Fino foi calculada em 6.767 moradores, a maior parte

¹¹ Cf. Gazeta de Ouro Fino, 12 jan. 1896, p. 2; 19 jan. 1896, p. 2; 26 jan. 1896, p. 1; 16 fev. 1896, p. 2; 1 mar. 1896, p. 2.

residindo nas 28 povoações rurais (Minas Gerais, v. II, 1926, p. 40). Na sede cidadina, um “acanhado” centro urbano constituía-se de 3 praças, 12 ruas, 300 casas, sendo 12 de sobrado, 1 casa de Câmara e Cadeia, 1 Igreja (Matriz), 1 cemitério, 1 mercado e 2 chafarizes para o abastecimento de água (Gazeta de Ouro Fino, 25 fev. 1894, p. 2). A título de comparação, o Rio de Janeiro, capital política do país, na época, contava com uma população acima de 270 mil habitantes, ou seja, quase 40 vezes maior que Ouro Fino.



Figura 01: Vista panorâmica do centro urbano de Ouro Fino, c. 1906-1908.

Fonte: Arquivo Público Mineiro, notação NCS-115.

Essa disputa de público entre os dois circos suscitou debates na imprensa sobre qual companhia apresentava números melhores e atraía mais expectadores. No primeiro dia de março, referindo-se ao espetáculo da noite do dia 23 de fevereiro, um cronista anônimo recordou que no trabalho do Circo São Salvador “pouca gente concorreu ao espetáculo”, havendo, portanto, “pouca animação”. Isso se justificava pelo espetáculo do Circo Guanabara, previamente anunciado e que fez o público “correr pressuroso ao circo”. Criando um debate com um tal Baldemonio, que advogava em favor do Circo São Salvador, um cronista que assinava com o nome França Junior discorreu seus argumentos a favor da superioridade artística do Circo Guanabara:

O óculo por onde viste o trabalho das duas companhias é infiel, meu caro! Perguntas por que não digo que a companhia S. Salvador é melhor? É porque acho pior que o Guanabara! Não direi incomparavelmente pior, mas é pior, não resta dúvida e comigo pensa muita gente [...].

Ambas as companhias têm bons artistas, mas o Circo Guanabara está na ponta, apesar de ter menos pessoal. Responda-me, Baldemonio, qual dos palhaços do S. Salvador se pode comparar com Joaquim do Guanabara?

O Carlos é um palhaço improvisado, sem sal; o mérito do Cunha não corresponde a fama que ele trouxera (Gazeta de Ouro Fino, 1 mar. 1896, p. 2).

Quase seis meses após a despedida dos circos Guanabara e São Salvador, Ouro Fino foi surpreendida com visita do Circo Luso Brasileiro, que permaneceu na cidade por um curto período, aproximadamente 15 dias, oferecendo espetáculos em dois finais de semana. Segundo uma das poucas informações da trupe, sua estreia ocorreu na noite do dia 30 de agosto, “com bastante concorrência” (Gazeta de Ouro Fino, 6 set. 1896, p. 2).

Além dos circos de variedades, que podiam se apresentar como trupes acrobáticas, dançarinas, equestres, ginásticas ou mímicas, outro estilo circense, descrito na imprensa como “gênero que aparece nesta cidade pela primeira vez”, foi noticiado em meados abril de 1894. Tratava-se da Companhia Tauromáquica Espanhola, dirigida pelo “impagável” toureador Pedro Garcia Garitas, e com corpo artístico constituído de Felix Roméro e Domingos Bardi-Pena, “conhecidos nos estados do Rio e São Paulo, onde conseguiram ganhar grande nomeada na arte que se dedicam” (Gazeta de Ouro Fino, 14 abr. 1894, p. 2).

Na tarde do dia 22 de abril, domingo, “na hora marcada” para começar a função de estreia, fazendeiros que prometeram “remeter seus touros”, deixaram de fazer. Logo, isso deu lugar à liberação gratuita da entrada do público, com o intuito de que conhecessem “as instalações” e tivessem “uma ideia das arriscadas habilidades dos toureiros”. Para tanto, improvisou-se, no picadeiro, “um touro um tanto manso e medroso, o qual não podia haver sortes”. Na sequência, apareceu outro touro “que também não se prestava fazer frente aos homens de capa”. A companhia anunciou, então, novos espetáculos e prometeu levar para a lida “bons touros”, sendo

que um deles seria farpeado pelo Garitas “assentado em uma cadeira” (Gazeta de Ouro Fino, 29 abr. 1894, p. 2).

Pesquisas recentes sobre companhias tauromáquicas que excursionavam por Minas Gerais, no final do século XIX, apontam para a preocupação dos empresários em conseguir touros bravos para a realização dos trabalhos, elemento que garantia o sucesso ou o fracasso dos espetáculos. Os touros eram cedidos, alugados ou comprados de moradores rurais ou pecuaristas instalados nas povoações. Contudo, não bastava adquirir os animais, era necessário “que os mesmos se mostrem adequados para a realização de sortes surpreendentes” (Amaral; Nunes; Xavier, 2023, p. 236).

Nas tardes de domingo dos dias 29 de abril e 13 de maio, a Companhia Tauromáquica Espanhola promoveu dois novos espetáculos. Na imprensa, um cronista anônimo que visitou o circo na apresentação do dia 13 de maio, quando se comemorava em Ouro Fino a abolição da escravatura no Brasil, ao mesmo tempo que teceu elogios ao “colysel” e à presença do “*high-life* feminino”, promoveu, ironicamente, críticas à baixa qualidade dos touros, comparando-os com bois usados para puxar veículos de tração animal:

À tarde, cerca de 2 horas, a coisa fedeu chifre, isto é, fui parar no colyseu. O circo esteve bem concorrido, onde o *high-life* feminino, apresentou-se custosamente. Gostei de ver a propriedade daquelas toilettes para uma corrida de touros. Um pouquinho que abstraia, cuidava de ver na Espanha, ao lado de andaluzas. Caracoles! Mira ustê hombre! Confesso, danei com o abuso! Anunciaram uma corrida de touros de *punta*, e apresentaram uns bois de carro (Gazeta de Ouro Fino, 20 maio 1894, p. 2).

Talvez, essa dificuldade dos empresários em adquirir touros com características favoráveis para as sortes, tenha sido determinante para que o grupo deixasse Ouro Fino após, aproximadamente, 28 dias de hospedagem, tendo realizado apenas dois espetáculos com a cobrança de ingressos.

Companhias circenses não foram as únicas modalidades artísticas itinerantes que visitaram Ouro Fino no período estudado. Em fevereiro de 1892, o prestidigitador Calzalari Guelfo instalou-se na cidade para uma curta temporada de dois espetáculos agendados para o último final de semana

desse mês. Sua estreia aconteceu na noite do dia 27, sábado, em um espaço improvisado, visto que na sede ourofinense não existia prédios teatrais. Segundo uma breve nota da imprensa, no espetáculo inaugural, o artista promoveu atrações de mágica que, embora com uma “concorrência regular”, “agradou extraordinariamente” (GAZETA DE OURO FINO, 28 fev. 1892, p. 3).

Já, em junho de 1894, outro prestidigitador fez-se presente em Ouro Fino, “o mágico Manoel Lopes, discípulo de D. Bosco, e que vem dar espetáculos nas noites de 29 [sábado], 30 [domingo] e 1 [segunda-feira] do mês vindouro”. No anúncio da imprensa, dizia-se que “o povo, apreciador de coisas papafinas” não perderia o ensejo de “divertir-se e aplaudi-lo” (Gazeta de Ouro Fino, 24 jun. 1894, p. 2). Um cronista local, ao registrar o evento do mágico, usando como artifício uma suposta participação no espetáculo dos Srs. Manduca e Prado, teceu críticas, ainda que de forma indireta, à falta de um teatro na cidade e à parte menos refinada da plateia:

O Prado lá estive, mas achei-o tristonho, pensativo e indiferente. Creio que não gostou de ver o mágico tirar do chapéu uma porção de traquitandas, como se ele fosse algum turco.
Eu, confesso, que do espetáculo foi o que mais gostei, salvo aquele...
Os trabalhos são perfeitos e tem agradado.
O Manduca, talvez, por estar de poltrona tomou tesoura. O que fazer?
Não sabem que mais vale cair em graça do que ser engraçado?
É o que se deu comigo.
E que m'importa, se por minha vez fui inexorável com a plateia que violou as regras do “Manual do Bom Tom”, fumando e até conservando-se de chapéu na cabeça, isso no nosso *Variedades* que mais parece um salão e onde havia famílias distintas pelo seu fino trato e merecedora de toda a deferência, é onde eu estava (Gazeta de Ouro Fino, 11 jul. 1894, p. 2).

A necessidade de construção de um teatro ganhou contornos mais incisivos na imprensa a partir de meados de junho 1896, com o desembarque, pelo “expresso” da Estrada de Ferro Sapucahy, ferrovia inaugurada em Ouro Fino no dia 31 de dezembro de 1895¹² (Gazeta de Ouro Fino, 6 jan. 1896, p. 1), da Companhia Dramática Silva Santos (Gazeta de Ouro

¹² Pesquisas futuras poderão trazer detalhes dos meios de transporte utilizados pelas companhias artísticas itinerantes em turnês por Ouro Fino no fim do século XIX, bem como os principais itinerários de visitas na região Sul das Minas, questões que fugiram aos desideratos da pesquisa.

Fino, 14 jun. 1896, p. 2). Diferente dos circos de variedades e de touros, que transportavam seus “pavilhões”, o grupo teatral, tal como ocorreu com os prestidigitadores Calzalari Guelfo e Manoel Lopes, que excursionaram por Ouro Fino, respectivamente, em 1892 e 1894, dependiam da locação de espaços permanentes, isto é, casas de espetáculos. Na falta de espaços dessa natureza, diferente da afirmação da historiadora Regina Duarte (2018, p. 39), de que apenas as “cidades mais populosas” e que “possuíam teatro”, tinham “o privilégio de receber artistas teatrais”, profissionais do teatro e de outros gêneros ambulantes, como é o caso dos prestidigitadores, recorriam à improvisação, alugando e adaptando salas particulares (Amaral, 2023, p. 34-35).

Esse aspecto da improvisação foi explicitado por cronistas anônimos que publicaram registros descritivos das funções da companhia teatral Silva Santos em Ouro Fino. Sobre a noite inaugural, um cronista fez o seguinte relato: “Esteve regular a estreia, e devemos levar em conta os poucos elementos que aqui encontrou a companhia, uma vez que não temos teatro. Daí um sem números de dificuldades sérias” (Gazeta de Ouro Fino, 28 jun. 1896, p. 1). Já na edição seguinte, trazendo referências do espetáculo da noite do dia 28 de junho, é possível encontrar outra queixa na mesma direção:

Na noite de 28 do passado ouvimos o excelente drama – Maria Joana.

Nessa noite lamentamos a falta de um teatro que pelo *ensemble* – pudesse fazer realçar aquela bem esboçada peça dramática que muito engrandece seu autor.

Levando em conta a estreiteza do palco que tolhe muito a ação dos atores e a proximidade em que o mesmo fica da plateia, o que faz desaparecer a ilusão de ótica, afirmamos que o desempenho geral do drama esteve a regra (Gazeta de Ouro Fino, 5 jul. 1896, p. 1).

Em outubro de 1896, em nota intitulada “Ouro Fino progride”, um cronista anônimo pontuou uma série de melhoramentos citadinos que haviam se processado ou estavam se processando na sede da cidade naquele momento. As construções da Câmara e Cadeia, da Estação Ferroviária e do Jardim Público, além da reforma da Igreja Matriz e das obras em andamento do Instituto Municipal, o primeiro estabelecimento de ensino secundário do município, são alguns exemplos. Tudo isso, conforme foi noticiado, podia ser

entendido como uma “síntese do nosso progresso”. De outra parte, apesar do rol expressivo de melhoramentos, uma sensível falta foi diagnosticada pelo cronista: “Ouro Fino não possui um teatro! Urge, pois, construí-lo” (Gazeta de Ouro Fino, 4 out. 1896, p. 1).

Pesquisas sobre a história do teatro brasileiro do século XIX, avaliam os discursos das elites letradas que reivindicavam a construção de edifícios próprios para teatro sob dois aspectos: 1) como parte de um conjunto de melhoramentos urbanos que indicavam o grau de progresso e civilidade de uma localidade; 2) com uma função pedagógica, capaz de “reformatar os hábitos público teatral”, uma espécie de “escola dos bons costumes”.¹³ No caso de Ouro Fino, em particular, um terceiro aspecto se somava aos dois argumentos citados: 3) oportunidades de ganho de receitas para o setor público, com o aluguel para temporadas ou o arrendamento para empresários do entretenimento. No que diz respeito a esse terceiro aspecto, convém destacar que espetáculos cênicos, “antes de serem capazes de atuar como instâncias pedagógicas para propagação de costumes civilizados”, eram “verdadeiros negócios da cultura” (Xavier; Amaral; Dias, 2019, p. 139-140).

Foi essa tríplice motivação de reivindicação – índice de progresso, agente educativo e provedor de recitas – que se fez presente na tentativa da imprensa ourofinense de sensibilizar os administradores políticos municipais para efetivarem a iniciativa de edificação de um teatro:

Ora, ninguém pretenderá negar, o teatro, se não instrui, educa pelo exemplo, e se não educa, proporciona uma diversão ao nosso espírito exausto pelo labor sem fim da vida.

Precisamos do: *Ridendo castigat menores*. O drama é uma escola viva dos costumes – nele o homem aprende a detestar o vício e amar a virtude.

Se tivéssemos um teatro, mesmo modesto, certamente se organizaria um grupo dramático, composto de amadores da nossa sociedade; e não era esse um ótimo meio de instruir, educar e desenvolver o espírito da mocidade?

Além disso, será uma fonte de renda para a Edilidade, (se o teatro for adiante).

[...] Ainda é tempo de levar-se a efeito a construção de um teatro para a cidade, ou de auxiliar-se a ideia que um punhado de fatores do progresso ultimamente alimenta, para que possamos registrar

¹³ Cf., por exemplo, Duarte, 2018; Marzano, 2008.

brevemente, mais este melhoramento para Ouro Fino (Gazeta de Ouro Fino, 4 out. 1896, p. 1).

A estreia da Companhia Dramática Santos Lima ocorreu na noite do 20 de junho, sábado, com uma concorrência regular, sendo levado ao palco o drama, “Mendigo de Pariz” e a “espirituosa” comédia “Mulher de mil diabos”, esta última fazendo brotar, em cada lábio, “um franco sorriso”. Nas noites dos dias 21, 24, 27 e 28 de junho, respectivamente, domingo, quarta-feira, sábado e domingo, a companhia promoveu quatro novos espetáculos, arrancando “lágrimas”, “risos” e “frenéticos aplausos do público” com os dramas “Colar de ouro” e “Maria Joana”, e as comédias “Almas do outro mundo”, “Moços velhos”, “Uma experiência”, “Sogra nem pintada” e “Os dois surdos”. No terceiro espetáculo, notas da imprensa registraram o crescimento da plateia, tendo o teatro improvisado uma “enchente completa” (Gazeta de Ouro Fino, 28 jun. 1896, p. 2; 05 jul. 1896, p. 2).

Ao longo do mês de julho e início de agosto, o grupo teatral permaneceu em Ouro Fino proporcionando, conforme narrou um cronista anônimo, “noites excessivamente agradáveis” (Gazeta de Ouro Fino, 9 ago. 1896, p. 2). No mês de julho foram anunciados quatro espetáculos, sendo no dia 1, quarta-feira, dia 5, domingo, dia 8, quarta-feira e dia 11, sábado, com uma breve ausência de notícias na segunda quinzena de julho, em razão da indisponibilidade das edições da *Gazeta de Ouro Fino* dos dias 19 e 26. Nesses quatro espetáculos de julho que temos registros foram noticiados os dramas “Voluntário da honra”, “O parálítico” e “Remorso vivo”, e as comédias “O caixeiro da taberna”, “Mosquito por cordas” e “A ordem é rressonar”, sendo as duas últimas apresentações elogiadas na imprensa por terem “casa completamente cheia” (Gazeta de Ouro Fino, 5 jul. 1896, p. 1,2; 12 jul. 1896, p. 2).

Já, no início de agosto, a folha local noticiou espetáculos no dia 1, sábado, e no dia 5, quarta-feira, sendo os dois últimos registros da presença da Companhia Dramática Santos Lima, em Ouro Fino. Na apresentação de quarta-feira, que parece ter sido a despedida da trupe teatral, os artistas prepararam uma noite especial, em benefício das obras da Matriz, levando a

cena o drama “Amor e honra” e as comédias “O marido vítima das modas” e “Sem título” (Gazeta de Ouro Fino, 9 ago. 1896, p. 2).

Considerações finais

O cotejamento das fontes primárias arroladas neste artigo nos permite constatar que companhias artísticas itinerantes, na década final do século XIX, excursionaram pela região Sul mineira, desembarcando com seus espetáculos na sede citadina de Ouro Fino. Ao todo, entre os anos de 1892 e 1896, período no qual dispomos de fontes jornalísticas que reúnem a quase totalidade de edições veiculadas, foram encontrados 10 registros de diferentes grupos ambulantes, o que equivaleria a uma média de uma visita a cada seis meses.

O circo foi o gênero artístico com a maior recorrência de visitas, sete no total, reunindo seis companhias de variedades, que podiam se apresentar como acrobáticas, dançarinas, equestres, ginásticas ou mímicas, sendo elas: Grande Circo Itália (1892), Circo Fluminense (1892), Circo Mineiro (1896), Circo São Salvador (1896), Circo Guanabara (1896) e Circo Luso Brasileiro (1896), e uma que se apresentou como companhia de touros, qual seja, Companhia Tauromáquica Espanhola (1894). Na sequência tivemos a prestidigitação, com dois registros de turnês dos mágicos Calzolari Guelfo (1892) e Manoel Lopes (1894). Por fim, o teatro foi o gênero artístico com a menor recorrência de menções na imprensa, contabilizando apenas uma companhia que excursionou por Ouro Fino, mais detalhadamente, a Companhia Dramática Santos Lima (1896).

De maneira geral, os espetáculos dos grupos itinerantes de circo, prestidigitação e teatro eram oferecidos, preferencialmente, nos dias de sábado e domingo, embora o mágico Manoel Lopes (1894) e a Companhia Dramática Santos Silva (1896) tenham, além dos finais de semana, realizado apresentações na segunda-feira, no caso do mágico, e na quarta-feira, no caso da trupe teatral. Via de regra, os espetáculos ocorriam no período da noite, com exceção apenas da Companhia Tauromáquica Espanhola (1894), que promoveu corridas de touros no período da tarde. Conforme sugerem as

fontes, os artistas circenses carregavam as estruturas arquitetônicas que abrigavam o público pagante, enquanto os prestidigitadores e a companhia teatral precisaram improvisar espaços que serviram como casas de espetáculos.

Embora as abordagens inscritas neste curto recorte temporal tenham caráter introdutório, elas buscam fomentar o debate das turnês artísticas na região Sul de Minas Gerais, visando encorajar a incursão de novas pesquisas históricas que igualmente colaborem para o descortinamento das companhias, dos artistas, dos gêneros, dos repertórios lúdicos e da periodicidade dos espetáculos que excursionaram pelo Sul mineiro ao longo do século XIX. Somente com a produção de novas investigações será possível encontrar elementos inéditos da história das artes ambulantes em diferentes regiões do país.

Referências

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira. *Lazer, mercado do entretenimento e circuitos futebolísticos nos sertões de Minas Gerais, c. 1888-1925*. Ponta Grossa, PR: Editora Atena, 2023.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; Dias, Cleber. Nos trilhos do lazer: entretenimento urbano e mercado de diversões em Divinópolis, Minas Gerais, 1890-1920. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 22, n. 2, p. 237- 261, 2017.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; Nunes, Fábio Santana; Xavier, Rosana Daniele. "Touradas assim, sim!": espetáculos de touros no Oeste de Minas Gerais no final do século XIX. *Revista Caminhos da História*, Montes Claros, v. 28, n. 2, p. 223-242, 2023.

DIAS, Cleber; Cotes, Marcial. Esportes, lazer e desenvolvimento econômico em Ilhéus (c. 1890-1930). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 42, n. 91, p. 359-384, 2022.

DUARTE, Regina Horta. *Noites circenses: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018.

MARZANO, Andrea. *Cidade em cena: o ator Vasques, o teatro e o Rio de Janeiro, 1839-1892*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2008.

NAKAYAMA, Marina Fernandes Braga. *Divertimentos e tempo livre: experiências dos trabalhadores em Juiz de Fora (1900-1924)*. Tese (Doutorado

em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

NOGUEIRA JÚNIOR, João Martins. *Uma história dos divertimentos do sul mineiro: Itajubá, Pouso Alegre e Campanha entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX (1891-1930)*. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

OLIVEIRA, Renata Cristina Simões de. *O teatro e algumas diversões em Diamantina: uma história registrada pela imprensa (1888-1915)*. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Introdução: as marcas do período. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Coord.). *História do Brasil nação: a abertura para o mundo, 1889-1930*. Rio de Janeiro: Objetiva, Vol. 3, 2012.

XAVIER, Rosana Daniele; Amaral, Daniel Venâncio de Oliveira; Dias, Cleber. Cultura, ferrovias e desenvolvimento econômico: circos em Minas Gerais no final do século 19. *Revista de História Regional*, v. 24, n. 1, p. 135-159, 2019.

Fontes primárias

Gazeta de Ouro Fino, 05 jul. 1896, p. 2.
 Gazeta de Ouro Fino, 1 mar. 1896, p. 2.
 Gazeta de Ouro Fino, 11 jul. 1894, p. 2.
 Gazeta de Ouro Fino, 12 jan. 1896, p. 2.
 Gazeta de Ouro Fino, 12 jul. 1896, p. 2.
 Gazeta de Ouro Fino, 14 abr. 1894, p. 2.
 Gazeta de Ouro Fino, 14 jun. 1896, p. 2.
 Gazeta de Ouro Fino, 16 fev. 1896, p. 2.
 Gazeta de Ouro Fino, 17 jul. 1892, p. 2.
 Gazeta de Ouro Fino, 19 jan. 1896, p. 2.
 Gazeta de Ouro Fino, 2 ago. 1896, p. 2.
 Gazeta de Ouro Fino, 2 fev. 1896, p. 3.
 Gazeta de Ouro Fino, 2 mar. 1896, p. 3.
 Gazeta de Ouro Fino, 20 maio 1894, p. 2.
 Gazeta de Ouro Fino, 21 out. 1894, p. 1.
 Gazeta de Ouro Fino, 22 dez. 1895, p. 1.
 Gazeta de Ouro Fino, 22 jan. 1893, p. 1.
 Gazeta de Ouro Fino, 23 ago. 1896, p. 2.
 Gazeta de Ouro Fino, 23 jul. 1893, p. 1.
 Gazeta de Ouro Fino, 24 jul. 1892, p. 1.
 Gazeta de Ouro Fino, 24 jun. 1894, p. 2.
 Gazeta de Ouro Fino, 25 ago. 1895, p. 1.
 Gazeta de Ouro Fino, 25 fev. 1894, p. 2.
 Gazeta de Ouro Fino, 26 jan. 1896, p. 1.
 Gazeta de Ouro Fino, 28 fev. 1892, p. 3.

Gazeta de Ouro Fino, 28 jun. 1896, p. 1.
 Gazeta de Ouro Fino, 28 jun. 1896, p. 2.
 Gazeta de Ouro Fino, 29 abri. 1894, p. 2.
 Gazeta de Ouro Fino, 29 dez. 1895, p. 1.
 Gazeta de Ouro Fino, 3 jul. 1892, p. 3.
 Gazeta de Ouro Fino, 3 maio 1896, p. 2.
 Gazeta de Ouro Fino, 30 jun. 1895, p. 2.
 Gazeta de Ouro Fino, 31 mar. 1895, p. 2.
 Gazeta de Ouro Fino, 4 out. 1896, p. 1.
 Gazeta de Ouro Fino, 5 jan. 1896, p. 2.
 Gazeta de Ouro Fino, 5 jul. 1896, p. 1,2.
 Gazeta de Ouro Fino, 6 jan. 1896, p. 1.
 Gazeta de Ouro Fino, 6 set. 1896, p. 2.
 Gazeta de Ouro Fino, 6 set. 1896, p. 4.
 Gazeta de Ouro Fino, 8 abr. 1892, p. 3.
 Gazeta de Ouro Fino, 8 abr. 1894, p. 1.
 Gazeta de Ouro Fino, 8 dez. 1895, p. 1.
 Gazeta de Ouro Fino, 9 ago. 1896, p. 2.
 Gazeta de Ouro Fino, 9 jan. 1896, p. 2.

Minas Gerais. Secretaria de Agricultura. Serviço de Estatística Geral. *Anuário estatístico*: ano 1 (1921), v. II e III, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926.

Minas Gerais. Secretaria das Finanças. *Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Raul Soares de Moura*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1923.